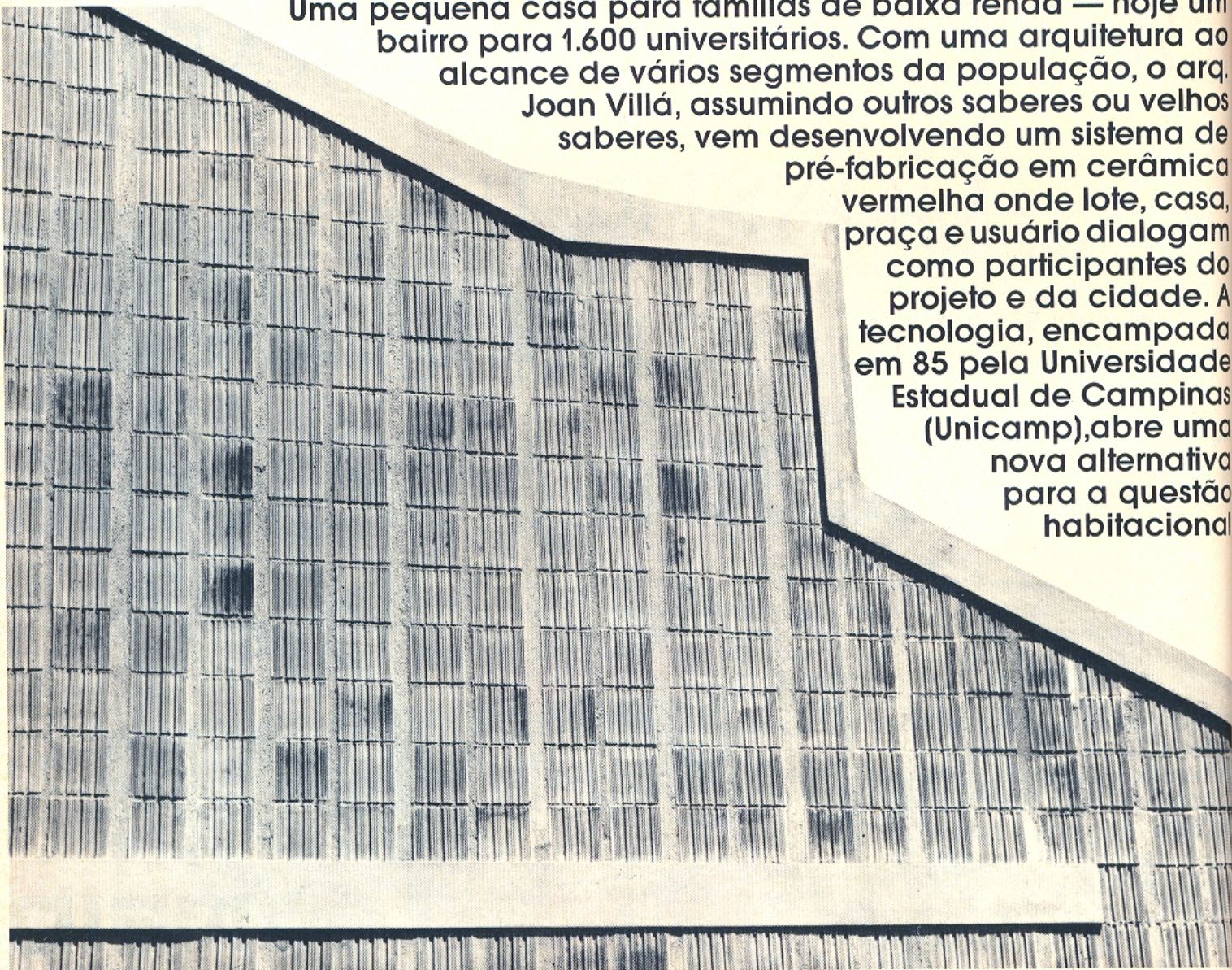


PROJETAR,

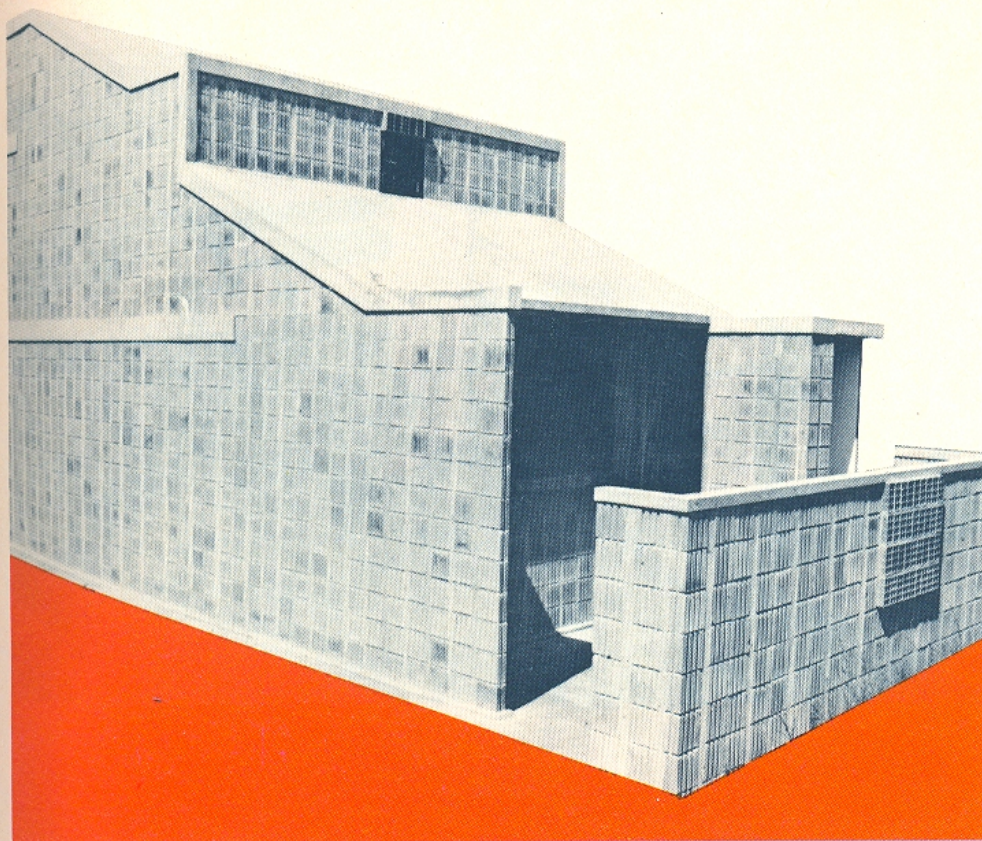
NA FRONTEIRA DA REALIDADE

Uma pequena casa para famílias de baixa renda — hoje um bairro para 1.600 universitários. Com uma arquitetura ao alcance de vários segmentos da população, o arq. Joan Villá, assumindo outros saberes ou velhos saberes, vem desenvolvendo um sistema de pré-fabricação em cerâmica vermelha onde lote, casa, praça e usuário dialogam como participantes do projeto e da cidade. A tecnologia, encampada em 85 pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), abre uma nova alternativa para a questão habitacional

Fotos: Arquivo Laboratório de Habitação, Unicamp



HABITAÇÃO



Atuando dentro das fronteiras da realidade do país, sem, contudo, perder de vista os anseios do ser humano de construir o espaço o mais próximo de seu imaginário, Joan Villá define seu trabalho como “nascido da ação solidária dos técnicos com os movimentos sociais, rompendo com os limites da prancheta, integrando a pesquisa e a prática arquitetônica às necessidades e desejo da população”.

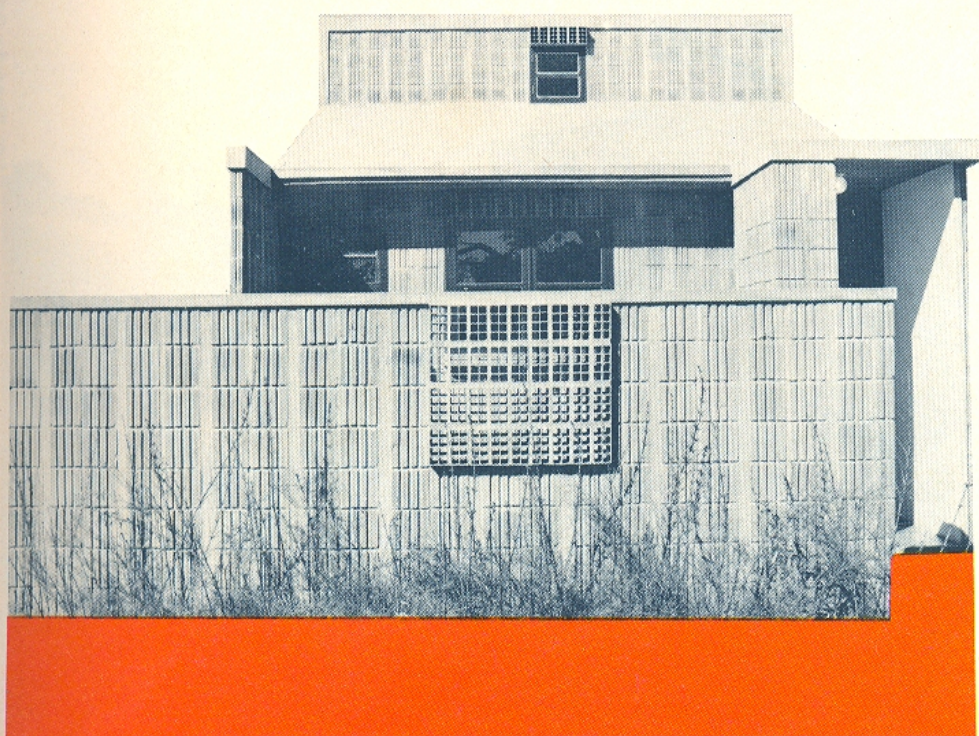
Uma experiência que se iniciou como atividade extracurricular de alunos e professores do curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de São Paulo, justamente com esse propósito mas interrompida dois anos depois devido à demissão de todo o corpo docente. O ensaio do primeiro painel, realizado ainda na Belas Artes, seria retomado na Unicamp onde Villá desenvolveu o restante do sistema e construiu as primeiras unidades.

Tijolos baianos ou telhas de barro, montados em gabaritos de madeira, metal ou PVC compõem painéis simples de laje, parede, cobertura e escada. Surpreendem a simplicidade do método, o resultado eficiente e o baixo custo — 8 OTNs por m². Sem necessidade de prumo, nível, linha ou esquadro, em apenas dez dias alguns homens conseguem levantar uma casa.

Atraídos pela racionalidade do processo, várias associações de classe vêm se interessando e os canteiros se multiplicam: Grajaú e Adventista, na cidade de São Paulo, Duartina, Socorro, Campinas e Vinhedo (SP); Canoas e Veranópolis (RS) e, sob o patrocínio da ONU, núcleos em Maceió, Recife e João Pessoa. Adaptando-se às condições de cada região, aperfeiçoando o método, trocam-se de norte a sul cada conquista.

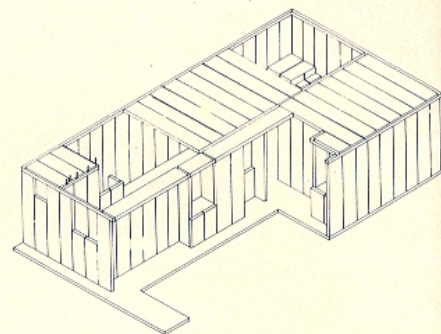
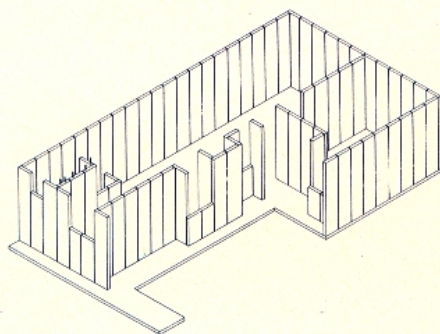
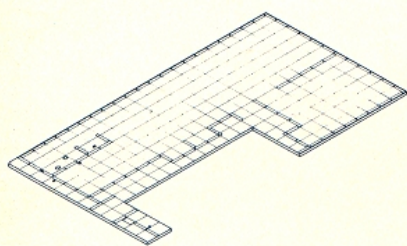
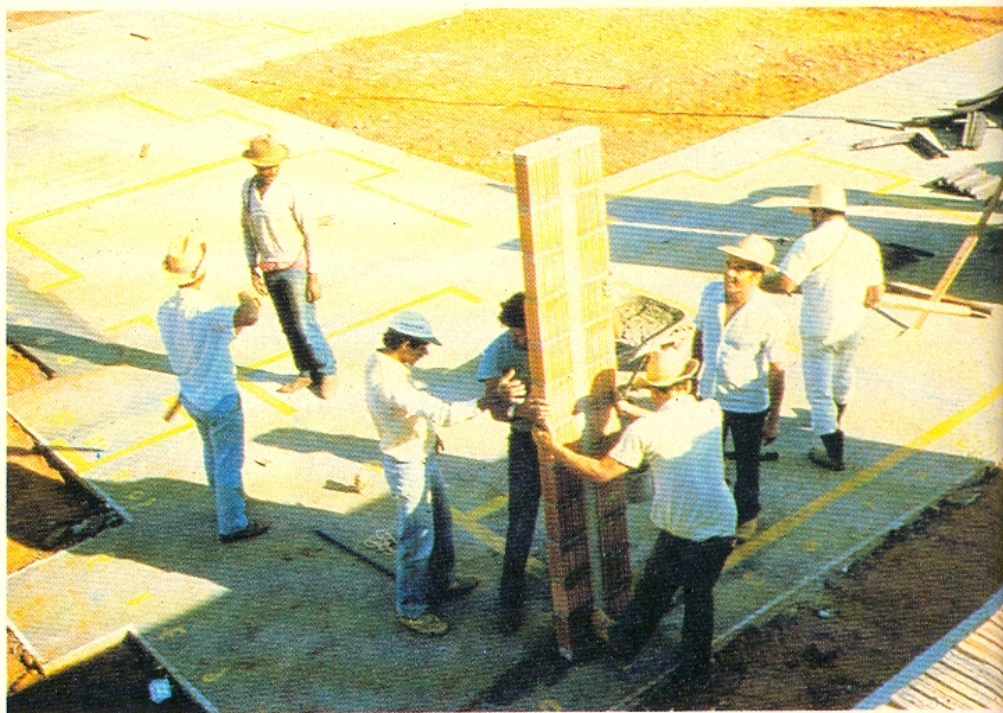
Como secretário de Habitação de Nova Iguaçu (RJ), cargo para o qual foi convidado depois de aplicar o sistema para erguer moradias de emergência destinadas aos desabrigados das enchentes do último verão, o arquiteto organizou na cidade uma fábrica de componentes. Serão produzidas cerca de 30 mil peças por mês para 100 unidades habitacionais.

A nível internacional, o processo que recria uma técnica no que ela tem de tradição, simplicidade e, sobretudo, criatividade, despertou a atenção de profissionais do Terceiro Mundo, especialmente da América Latina e África, por ocasião do XVI Congresso da UIA em Brighton, Inglaterra. E dos franceses, quando da exposição “Arquitetos Brasileiros”, em Paris, promovida pelo IFA,



COMPOSIÇÃO DO SISTEMA

Montagem do protótipo de um sobrado através do sistema de pré-fabricados cerâmicos. Nos desenhos, a sequência de todas as etapas da execução, a partir do radier até a fase final de cobertura.



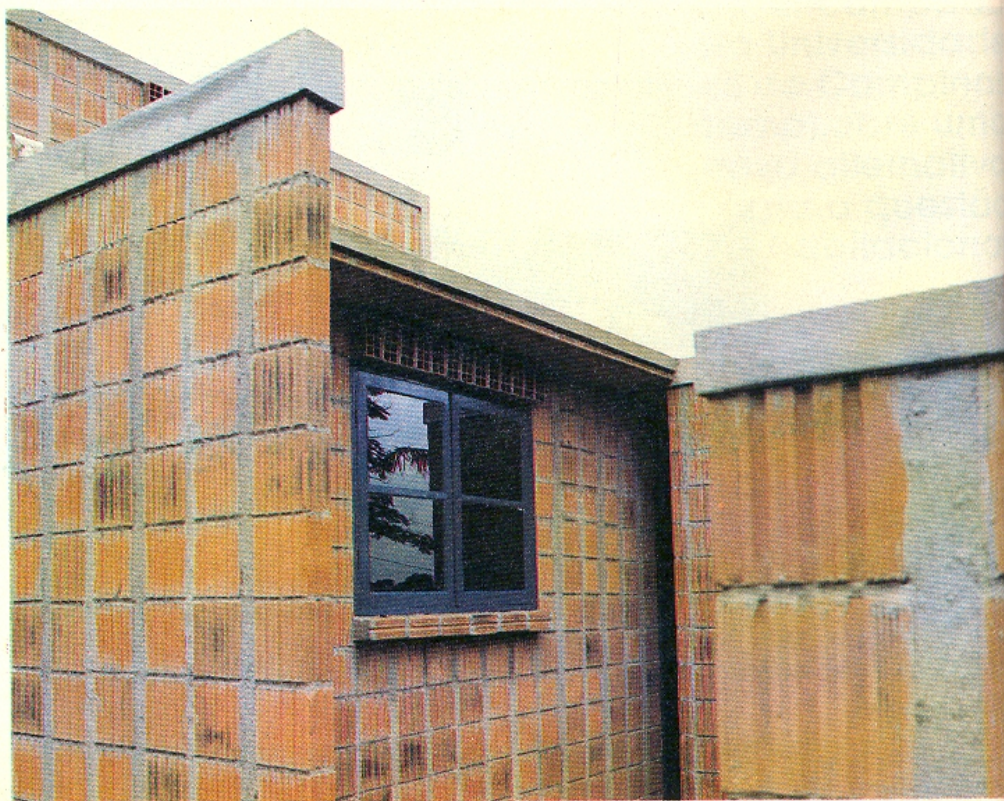
nesse mesmo ano (86), merecendo de Alain Thibaud, diretor do Instituto, o comentário de que o custo da obra era inferior ao custo do suporte das fotos apresentadas.

O elemento modular — “apenas uma letra na gramática construtiva” vem demonstrando capacidade de reprodução em qualquer lugar, por mais afastado que esteja das facilidades de um grande centro.

INTERAÇÃO

O repasse da técnica geralmente se dá através de uma equipe de profissionais de nível superior — arquitetos, engenheiros, sociólogos — com os de canteiro — pedreiros e serventes —, num processo que resulta na interação de enfoques distintos, observa Villá ao explicar que, numa segunda etapa, o pessoal de canteiro se transforma em instrutor do trabalhador não qualificado.

“A maior parte de nosso trabalho, esclarece, é dar assessoria a nível de grupo, de associações, de coletivo e não a nível



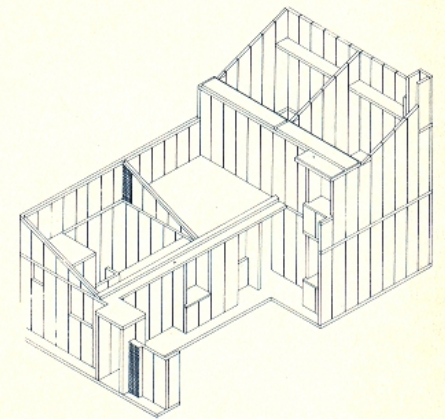
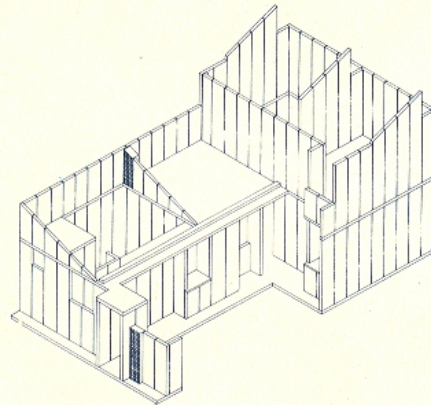
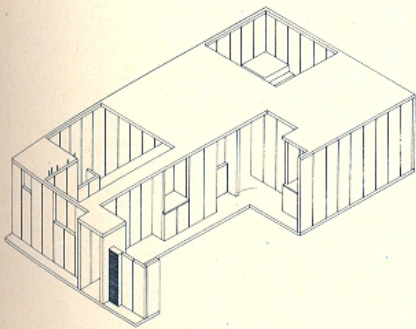
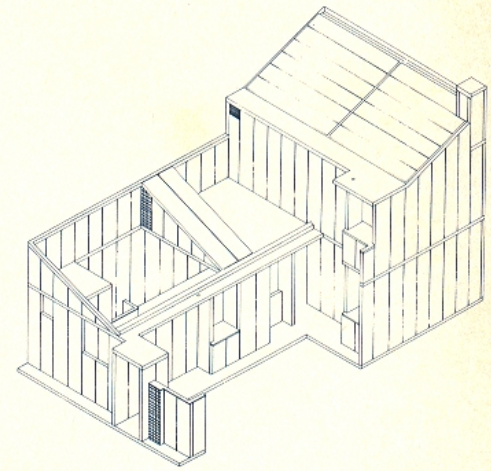


Foto: Wanderley Bailoni

individual.” Tal procedimento induz a participação coletiva no projeto como um todo, a definição da natureza do empreendimento, tanto do ponto de vista físico quanto cultural e ainda seu significado como qualidade de vida, custo, tempo, esforço.

Inicialmente são levantadas então duas questões: a da moradia em si e a urbanização do bairro. Discute-se o que é melhor para todos dentro da realidade: se a casa for geminada o morador saberá que seu custo será menor; se a cozinha se situar na parte posterior seguindo a tendência natural, será alertado quanto ao aumento de custos que a infra-estrutura de água e esgoto irá acarretar, assim como outros aspectos internos envolvendo a divisão das áreas.

Partindo da constatação de que a casa popular costuma ser pequena — os 40 m² definidos pela Unesco e reivindicados pelos movimentos de base social —, o projeto prevê possibilidade de ampliação futura, além de outros recursos possíveis. Térreas ou em forma de sobrados,

as casas foram dimensionadas para um aproveitamento total, seja o espaço sob as janelas ou outros que o usuário facilmente pode se apropriar. Como os ângulos que contribuem para o equilíbrio da construção, oferecendo novas formas de adaptação.

A nível de urbanização, a proposta acentua a minimização das áreas de circulação de veículos, geralmente restrita a uma única via, com interpenetrações que limitam os percursos a pé a 40 m apenas do local de estacionamento de veículos, a fim de facilitar o transporte de botijões e outros equipamentos. A comunidade também decide onde pretende morar, se junto ao setor comercial ou numa rua exclusiva de pedestres ou então próximo à praça.

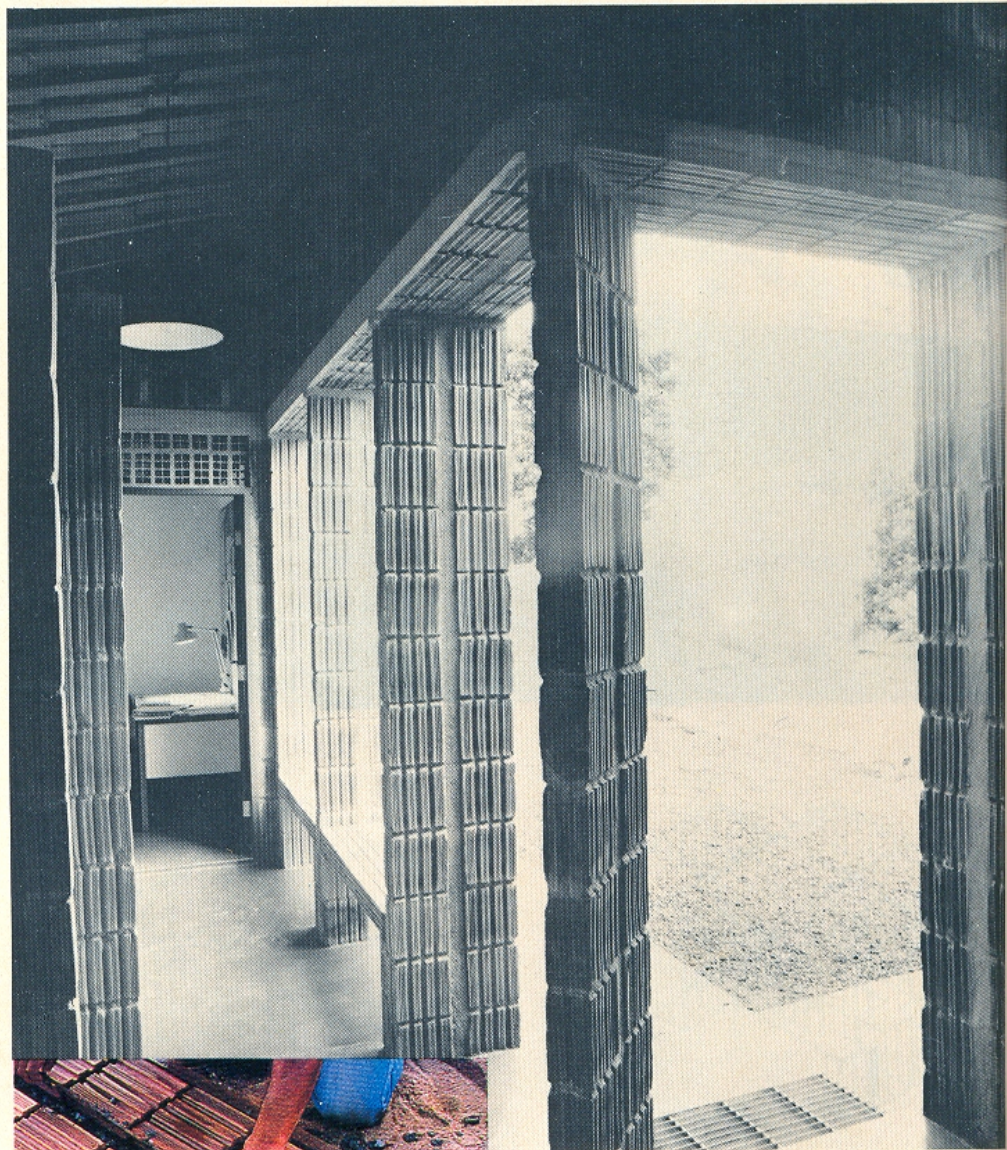
O FAZER

Os componentes, seja painéis de laje (forro e piso), de parede (vedação e estrutural), de escada e de cobertura, são feitos num único gabarito, com execução horizontal. A modulação (45 x 45 cm) se acomoda à dimensão dos painéis (43 cm de largura por 3 m de comprimento) aproximadamente, com peso que não ultrapasse 80 kg para que se constituam em elementos de pré-fabricação leve e o transporte possa ser realizado manualmente.

Dispostos sobre uma superfície plana, os gabaritos recebem uma camada de areia e sobre esse leito colocam-se as peças de cerâmica, encostadas nos dois lados da moldura, resultando vãos de 4 cm de espessura, se o tijolo obedecer às normas da ABNT (19x19x19), que receberão a armadura e o concreto. No caso dos painéis de parede, o ferro se torna necessário apenas para assegurar o transporte da peça. Lajes de forro, por sua vez, recebem ferro de 1/4 de polegada.

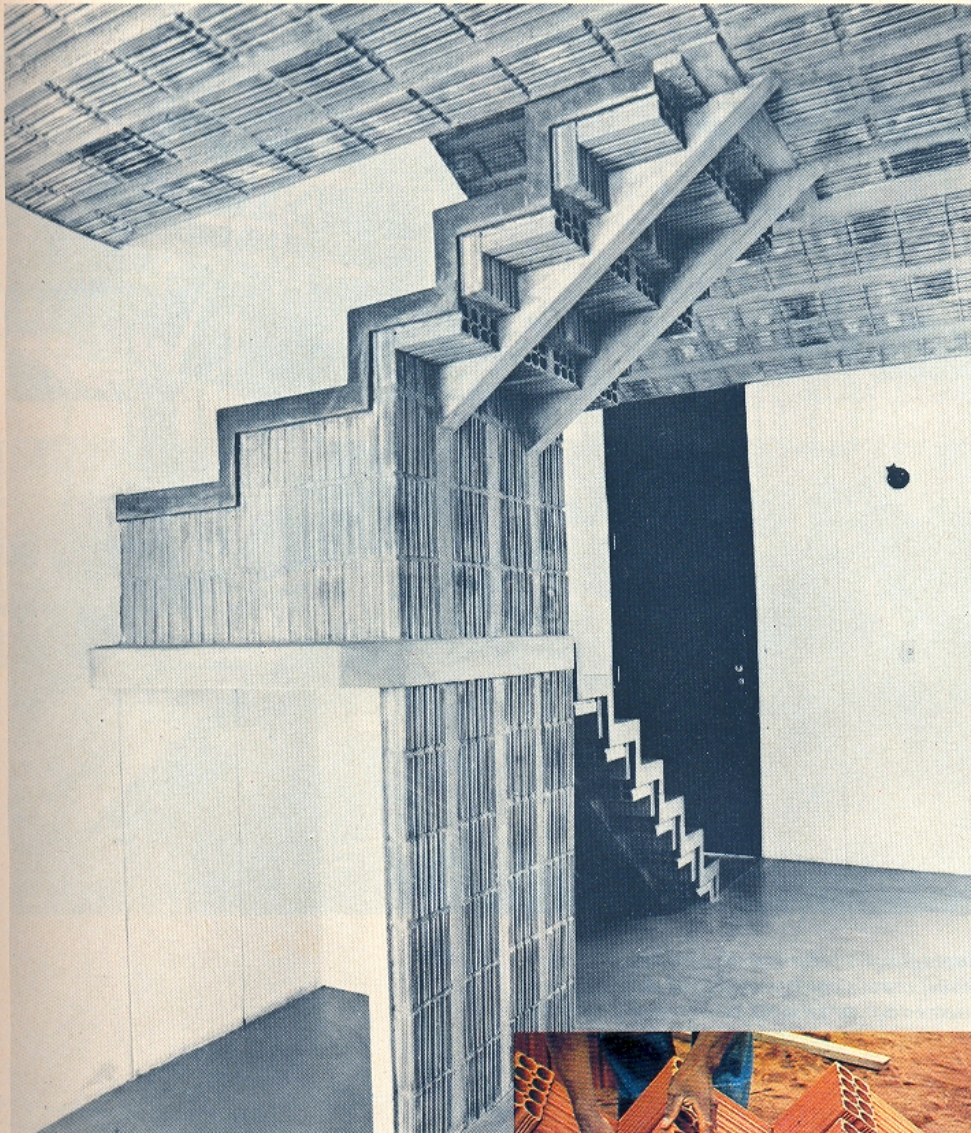
Os painéis de parede são arrematados por uma testada de concreto nas duas extremidades a fim de proporcionar superfície regular de apoio ao elemento de laje num dos lados, e no outro, o mesmo sobre o *radier* (laje de fundação). As instalações elétricas e hidráulicas estão contidas nos próprios componentes das paredes que recebem revestimento em chapisco, ainda no canteiro. Esse material, comumente utilizado como vedação, segundo Villá passa a ter um desempenho notável: com os painéis pode-se levantar três a quatro andares sem nenhum reforço.

O arquiteto aponta ainda outras vantagens do método como a simplificação na construção de escadas e a redução do peso, sem comprometimento do de-

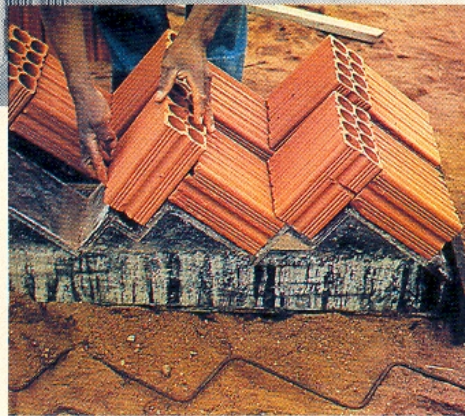


Com as mesmas fôrmas e gabaritos simples, elaboração de painéis de laje, parede, cobertura e escada. A cerâmica (tijolos ou telhas) é solidarizada com nervuras de concreto





Os painéis são levantados e unidos entre si com pares de cantoneiras de metal, parafusadas. Em seguida são rejuntados com argamassa de areia e cimento



sempenho. Uma peça de sete degraus pesa apenas 80 kg enquanto nos sistemas de pré-fabricação em concreto atinge 800 kg. No caso dos painéis de cobertura, há uma sensível redução no custo pela eliminação da madeira empregada na carpintaria de telhados convencionais pois se apóiam diretamente sobre as empenas e bordas das lajes.

O processo construtivo permite ainda rigorosa limpeza do canteiro, evitando desperdício de material. Geralmente, a laje de fundação, com 7 cm de espessura, é utilizada como pista de produção dos componentes. "A rapidez na execução dos painéis não significa um produto mal-acabado ou de qualidade inferior, observa o arquiteto, informando também que após dois dias já podem ser manuseados para empilhamento e em sete estão prontos para montagem.

Para vencer vãos de 15 a 25 m utilizados em equipamentos comunitários — escolas, creches, postos de saúde — o arquiteto desenvolveu painéis curvos empregando o mesmo tijolo e o mesmo sistema.

A CASA, O BAIRRO...

Do primeiro protótipo — "uma casinha" — erguida em 85 na Unicamp, resulta hoje no bairro para a Universidade. Assim, o sentido em que se revestia a experiência inicial de tentar resolver a questão da habitação de baixa renda, encontra agora a possibilidade de atender a uma população que não se situa apenas nessa faixa. "A tecnologia e o desenho como ponte para o avanço", afirma mais uma vez o arquiteto.

Aliás, a questão do desenho está sempre presente. A partir do momento em que "propõe resgatar a dignidade do trabalhador" ou quando acentua que "a questão permanece enquanto existir a expectativa de beleza como qualidade, tão intensa como o aspecto utilitário", Villá identifica-se com o pensamento de Sérgio Ferro, que apontava mudanças na política habitacional a fim de se superar as limitações impostas pela pobreza.

O filósofo Juergen Habermas ("Arquitetura Moderna e Pós-Moderna" — Novos Estudos, Cebrap, set./87), também alerta para o descompromisso com a estética na sociedade contemporânea, denunciando que as carências das condições de vida podem se transformar em vantagens, servindo para isentar de exigência artística a arquitetura utilitária. Necessidades e prioridades respeitadas, emergem no trabalho de Villá "momentos de arquitetura" pois, conforme enfatiza, "ninguém pode dar soluções de cunho tecnológico e descuidar do dese-

rho" (veja box). Ao contrário da arquitetura monótona dos conjuntos habitacionais, para a Unicamp diferentes volumes e escalas configuram residências de três, dois ou um pavimentos.

Dessa arquitetura comunitária, resultado do envolvimento dos usuários no processo de planejamento, desponta o conjunto inserido fora do campus, numa malha urbana definida, com vida própria. Em São Gonçalo vivem operários das indústrias de Campinas e de Paulínia e funcionários da universidade, na sua maioria. A inserção num bairro já existente impôs, contudo, algumas cautelas, observa Villá, como a busca de soluções de urbanização que "não conflitem e, ao mesmo tempo, sejam capazes de absorver aquilo que tem de tradicional, embora avançando".

Enquanto resgata a grelha, a quadra, o pátio, inova no sistema de circulação, no tratamento do que é espaço público e do que é privado. Articulação que permitirá o uso do miolo das quadras para função coletiva. A malha cartesiana, gerando o desenho em cruz, dois eixos flexíveis permitindo a ocupação plena dos 64 m² (dois dormitórios, sala e serviços) para 4 ou 8 pessoas; 48 m² ou 32 m² de cada unidade, das 300 programadas. Nessa malha, as residências são conectadas existindo a possibilidade física de se abrirem passagens entre elas.

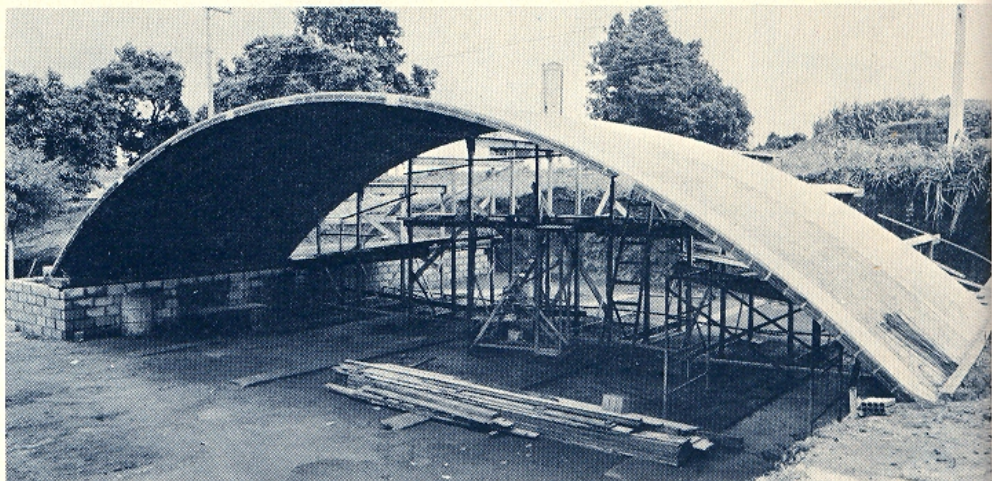
Apesar de conter uma tipologia residencial, a inexistência de propriedade individual levou o arquiteto a explorar todos os modos de utilização do interior das quadras, adotado como forma de organização do conjunto, transformando esse espaço em área de convivência.

Por outro lado, a suave declividade do terreno ofereceu o recurso de se desenvolver a praça central do quarteirão em dois níveis, situando-se na parte mais baixa, sob o jardim, a sala de festas, de encontros, o espaço coletivo para a comunidade, composta em grande parte, de alunos de pós-graduação de outras regiões, alguns com famílias.

Nesse caso particular, a universidade, proprietária do empreendimento, contratou empreiteira para a confecção dos componentes e edificação das unidades. Esse fator, somado à necessidade de aprimoramento dos acabamentos, elevou o custo do metro quadrado para cerca de 15 OTNs.

... A CIDADE

Para Joan Villá, a arquitetura sempre foi um ato social e várias circunstâncias contribuíram para a sua própria definição de vida. Nascido na Catalunha, veio para o Brasil com 11 anos graduando-se

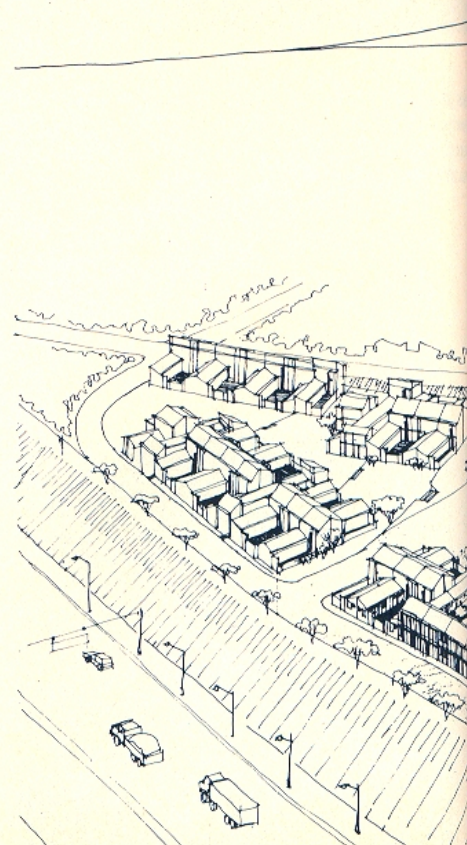


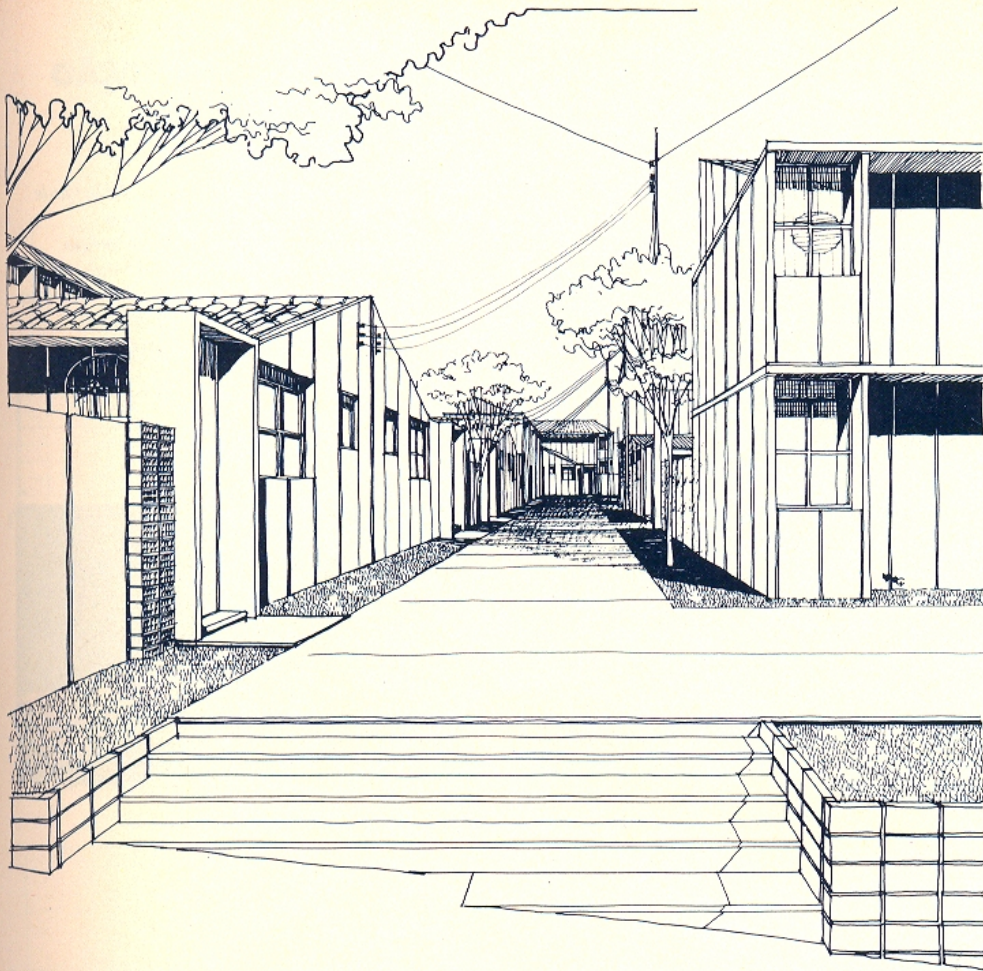
Última fase da pesquisa: desenvolvimento de painéis curvos para a confecção de arcos que vencem vãos de 15 a 20 m



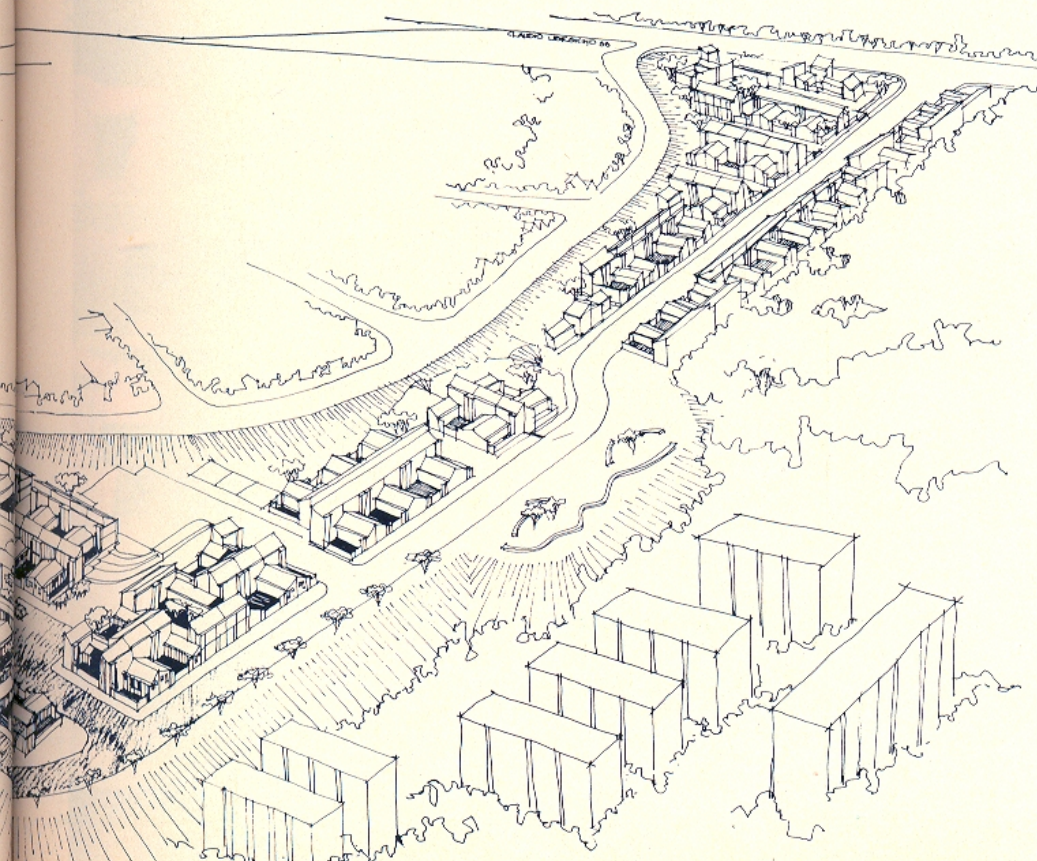
Foto: Wanderley Baitoni

Grajaú (SP): uma das primeiras experiências em vias de concretização com 82 unidades térreas em andamento





Projeto de urbanização e edificação em Jacarezinbo (RJ). Composição de unidades térreas, assobradadas, isoladas ou geminadas, com circulação de carros na periferia



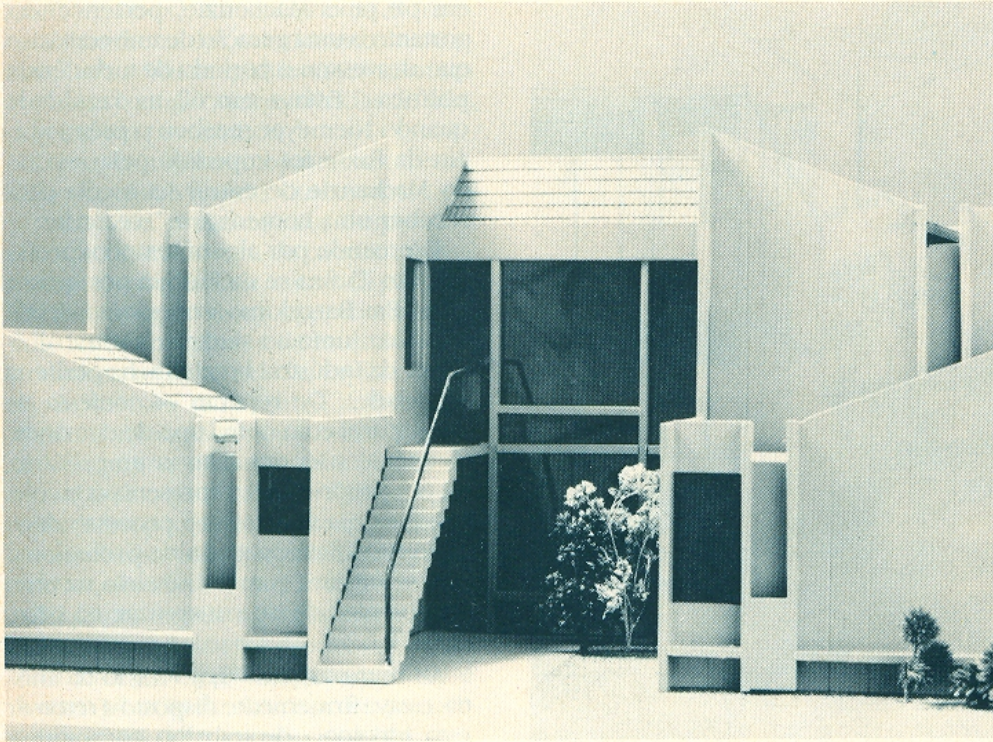
em 68 pelo Mackenzie, pertencendo, portanto, a uma geração de universitários que atravessou o período de turbulência política. “Estava em 62 na faculdade quando Niemeyer recebeu o prêmio Lenin da Paz e foi impedido pela reitoria do Mackenzie de entrar na escola para receber uma homenagem”, recorda.

Exercendo por algum tempo a profissão, em 71 fixa-se na Europa por quatro anos. Em Barcelona, a oportunidade de trabalhar junto ao sindicato de trabalhadores da indústria hoteleira, na periferia da cidade. “De repente — confessa — me deparei com outro tipo de demanda: O cliente não era mais o empresário, ou um proprietário; representava o coletivo e surgia assim outro processo decisório modificando a atitude profissional que se iniciava com a discussão na obra muito antes de se concretizar na prancheta.”

Ao regressar em 75, no início da anistia, estava firmemente disposto a retomar essa ideologia de trabalho corporativo. Então a surpresa: “foi uma volta estranha. Na minha ausência tinha ocorrido o *milagre* do Médiçi... muitos colegas tinham enriquecido”. Numa atitude aparentemente contraditória, abre um escritório na av. Paulista, projeta algumas residências para a burguesia, uma praça, um cemitério em Botucatu, alguns planos diretores. Mas sempre atento ao processo político e social, em 77 participa da criação da Cooperativa dos Arquitetos com Maitrejean, Caron, Paesani, para trabalhar na periferia, já claramente na perspectiva de redirecionar a atividade profissional. Fecha então o escritório e começa a trabalhar como arquiteto a serviço de outras pessoas, outros grupos “numa cidade onde 80% foi feita pelo povo, à margem do Plano Diretor”. E admite: “era uma vida muito dividida. Cansei de trabalhar como Arsène Lupin, de dia de um jeito, de noite, de outro. Uma vida de procura de cliente, de projeto...”

Resolvido o conflito interior, a lógica prevalece. Um segundo momento se inicia com o magistério, na perspectiva de construir, como alguns arquitetos de sua geração, um ensino que formasse profissionais com outro perfil, mais comprometidos com o povo, com a cidade. Além de lecionar na FAU/Santos e na Escola de Belas Artes, onde também coordenou o Laboratório de Habitação até sua extinção, vem, desde então, se dedicando à assessoria técnica de movimentos populares.

Atualmente, Villá atende a segmentos sociais mais organizados como sindicatos de profissionais de classe média, “de um lado, pela necessidade vital de mora-



UNICAMP: HABITAÇÃO DOS ESTUDANTES

O partido urbanístico trabalha a declividade do terreno em três patamares para a implantação do conjunto. Essa estratégia articula as "células" entre si resultando alas com 27 unidades; cada três alas formam uma quadra e a associação desses elementos compõem o bairro capaz de alojar 1.600 alunos.



SINGULAR, PLURAL

Um lugar para a morada dos estudantes. Uma difícil questão de arquitetura a ser definida entre o singular e o plural. Singular, pela especificidade dos moradores a gerarem no convívio cotidiano as condições de vida do gueto, reforçando suas particularidades. Plural, pelo pulsar da vida a irromper permanentemente contra o gueto, superando-o e confundindo-o com a cidade ao redor, em toda sua generalidade.

Uma situação de tensão como toda situação de limites. E limites não só de lugar. De tempo também. Um tempo de iniciação e passagem marcado não somente pela duração dos ritos e dos cursos, mas alongado pela juventude que a percepção e depois a memória registram como período de experimentação, feita de muitas vivências a construir simultaneamente o "eu" e o "nós", o individual e o coletivo.

De novo o singular e o plural. Do seu embate, um lugar de liberdade.

Distrito de Barão Geraldo, Campinas (SP). Meio bairro, meio cidade, a caminho entre um e outro.

Dois universidades, uma significativa implantação de serviços e de indústrias com acentuado perfil de tecnologia de ponta. Bairros de casas de trabalhadores, favelas de barracos dos outros trabalhadores, professores, gentes que saíram da cidade maior — Campinas — à procura de um Eden que aos poucos vai se poluindo e estudantes amontoados por uma florescente indústria de locação que desconhece qualquer uma das muitas leis do inquilinato.

Dentro da malha urbana de Barão Geraldo, um terreno de 55 mil m², com forma triangular, tem o maior lado voltado para uma avenida e sobe suavemente em direção ao vértice superior. De qualquer ponto, a vista se volta para uma paisagem que tem o bairro adiante e a Universidade como horizonte. Aberto, o panorama é de luz intensa, de cores reveladas por um sol de face norte.

Mais de 30 foram os encontros, reuniões e seminários. Muitos mais, os documentos, atas e gravações. O Salão do Conselho Universitário e a sede do DCE, os palcos mais frequentes. Mas o "Sancho" — pequeno bar próximo ao campus — frequentemente se revelou um cenário propício às confissões e por vezes às decisões.

Seis meses foi o tempo de refletir e amadurecer os caminhos a seguir. Processo intrincado mas indispensável para transformar o projeto num instrumento de todos, antecipando os anseios sobre o espaço a ser edificado e preceder assim à construção do imaginário.

Possibilidades diversas foram analisadas nos variados aspectos: a residência no campus e fora dele; a aquisição de imóveis na cidade e sua adequação ao novo uso e a criação de um novo lugar nas vizinhanças da Universidade. A última hipótese prevaleceu e no caminho inúmeros aspectos haviam adquirido realidade: o programa e sobretudo o espírito do que viria a ser.

A rua Maria Antônia, o Crusp, o Fundão as repúblicas de Ouro Preto, e também, por que não, Cambridge, Boston, Helsinque... evocaram situações, testemunhos de vivências e algumas certezas comuns:

- o biotério, o HC, a biblioteca central, a administração geral, a manutenção etc., não se constituem boa vizinhança durante o dia, muito menos à noite e nunca aos domingos;

- a morada dos estudantes não pode ser como a caserna, um edifício ou conjunto disciplinar e tampouco um flat de cinco estrelas;

- o lugar da morada dos estudantes é na cidade e se for um novo lugar deverá ser como ela é e explorando o possível, como ela gostaria de ser.

Desenvolver um projeto, dentro de um processo participativo, permite iluminar aspirações e desejos explicitando claramente necessidades e prioridades. Nesse quadro, a ação projetual assume um papel instigador, gerador de argumentos e de opções.

Mas há o desenho, a formalização desse processo decisório, trabalho de muitas mãos. E há momentos nesse processo em que as mãos dos parceiros se recolhem à espera de passos adiante para prosseguir. Afinal há momentos da arquitetura... da sua matéria, da sua especificidade. Recorrer à sua essência, à sua permanência, à sua identidade. E aí, as referências. Involuntárias algumas, outras perseguidas.

O desenho dos quarteirões do Plan Cerda de Barcelona, a velha cidade de Argel, o Parque Guell de Gaudí, a prefeitura de Saynatsalo de Alvar Aalto...

O partido urbanístico trabalha a pequena declividade com três patamares básicos, para a implantação do conjunto de edificações que segue uma estratégia orientada no sentido de se criarem relações urbanas progressivas dentro de uma visão arquitetônica na qual se identifica a unidade habitacional como "célula" autônoma. Esta estratégia desenha e articula "células" autônomas entre si, formando alas de 27 unidades; as alas, de três em três, vinculadas entre si formando "quadras" que associadas formam este conjunto capaz de alojar aproximadamente 1.600 estudantes.

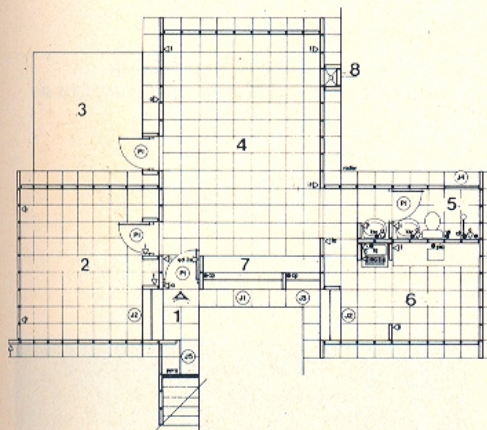
Dentro de cada ala, as células se comunicarão fisicamente através das salas e jardins internos criados pelo modelo associativo adotado, que, além de buscar a animação da volumetria, permitirá a desejada formação da "república", forma explícita das relações sociais e políticas inerentes ao contexto universitário. Cada ala conta ainda com uma sala de estudo coletiva que possibilitará o encontro e o desenvolvimento de trabalhos por estudantes de células diferentes.

Ainda dentro da proposta de relacionamento progressivo, dotaram-se os grupos de cada três alas — as quadras — de uma sala de uso múltiplo e de um centro de convívio locado na praça-pátio que fica contida no interior do desenho estabelecido para cada quadra.

A relação urbana das alas e quadras entre si se dá através de passeios de uso exclusivo de pedestres que permeiam o conjunto, e estes, associados ao sistema viário principal, interligam as várias quadras com o centro comunitário e comercial, previstos junto à avenida a apoiar o setor de prestação de serviços, não só aos estudantes como aos moradores do bairro.

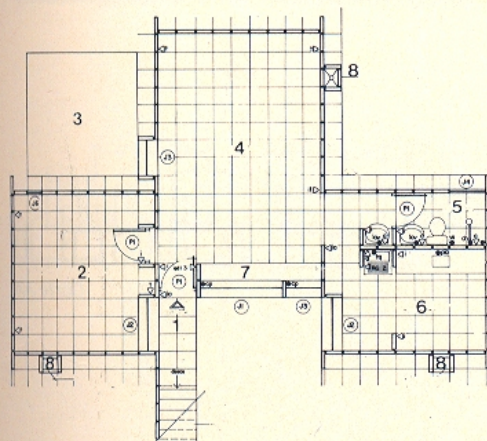
Dentro da perspectiva do projeto há a intenção clara de recuperar o traçado tradicional que tem origem na ilha greco-latina, fazendo com que a "quadra" que dela resulta, tenha no seu interior, no "pátio", a configuração de um espaço semipúblico e protegido mas ao mesmo tempo simbolicamente urbano. Assim este local sintetiza dois tipos de espaço urbano tradicional: a rua e a praça entendidos como cenário e não como espaço de tráfego.

JOAN VILLÁ



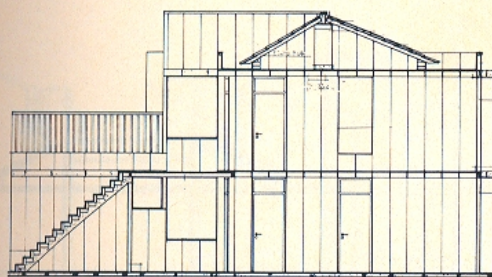
Planta-tipo sobrado: pavimento inferior

A mesma planta de "célula autônoma" repete-se, com pequena variação, nos dois pisos do sobrado e na unidade térrea articulada ao conjunto

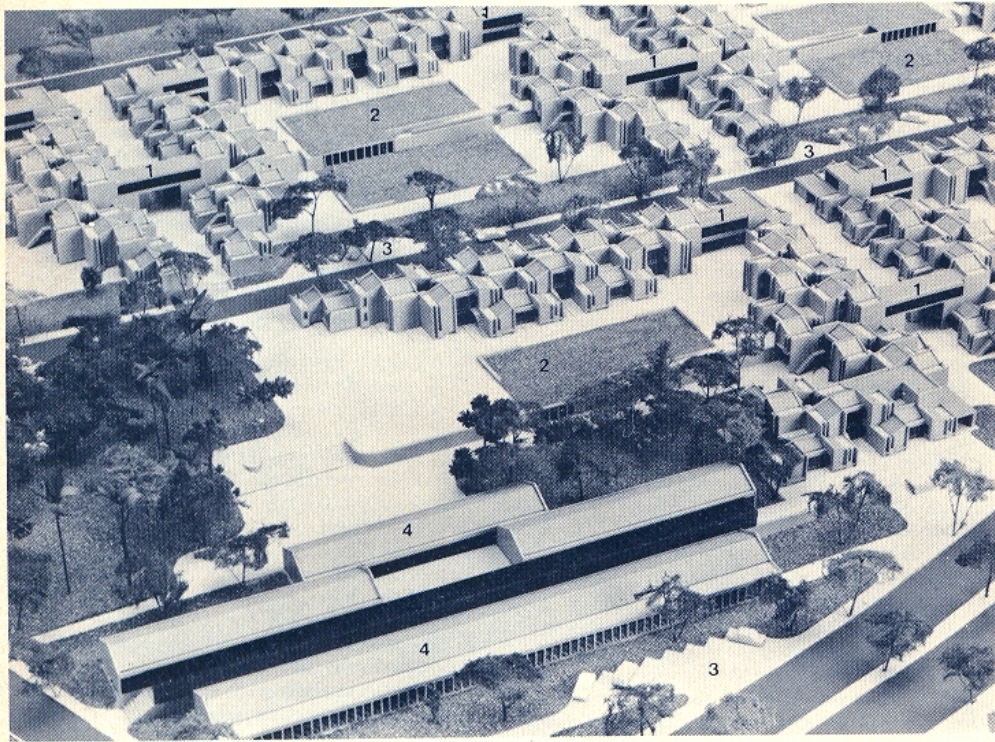


Planta-tipo sobrado: pavimento superior

- | | |
|------------------|---------------------|
| 1. entrada | 5. banho |
| 2. dormitório | 6. cozinha |
| 3. pátio interno | 7. bancada |
| 4. sala | 8. condutor pluvial |

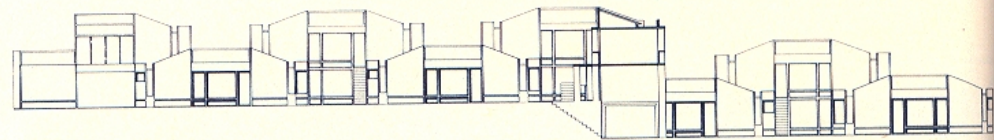


Corte-tipo sobrado

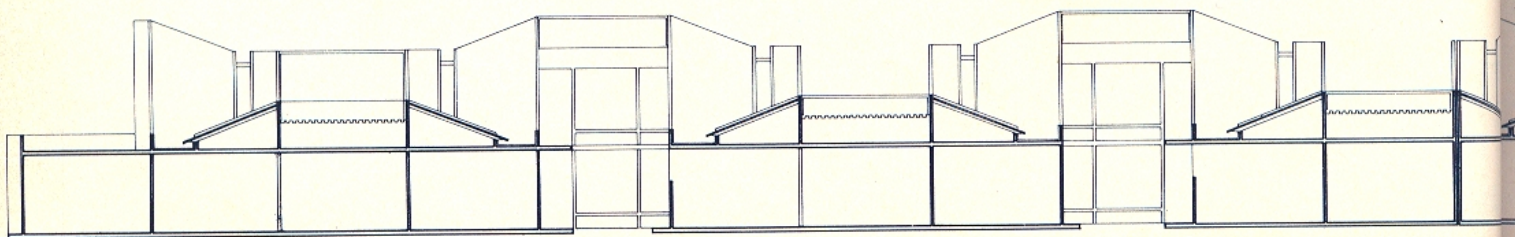
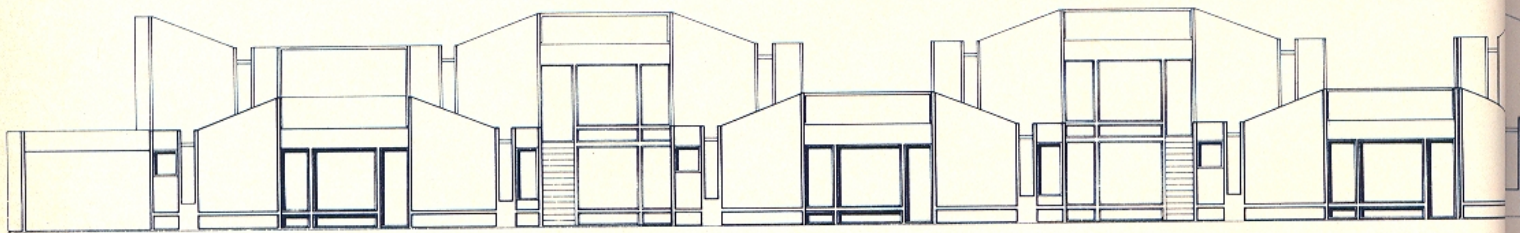


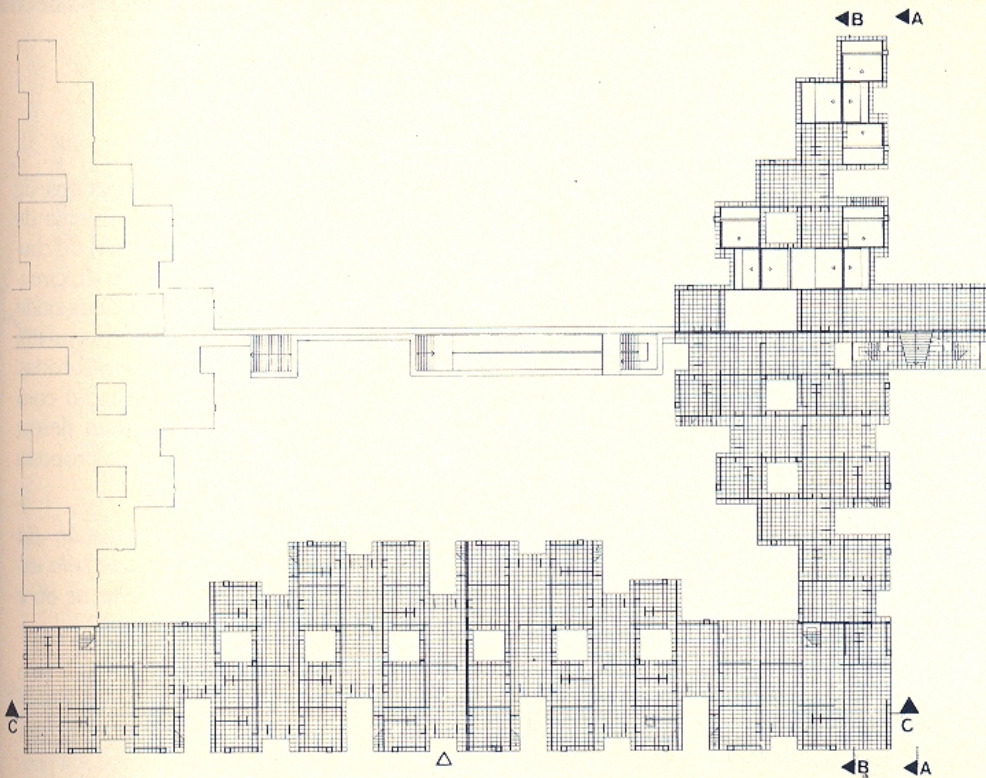
Implantação dos setores

- 1. sala de estudo
- 2. "praça" e centro de convívio
- 3. estacionamento
- 4. centro comunitário e comercial: cinema/teatro, grêmios, lojas e serviços de apoio

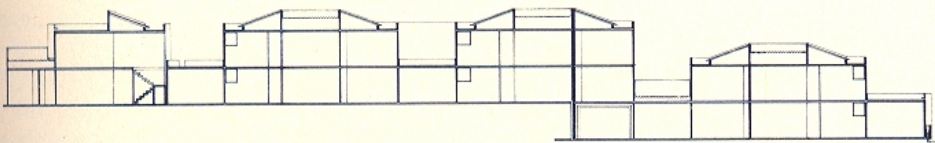


Corte AA

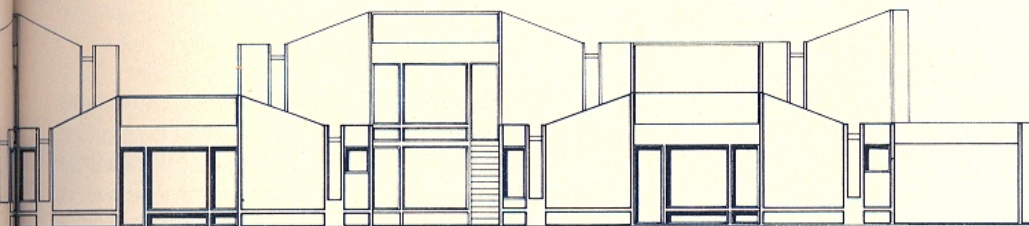




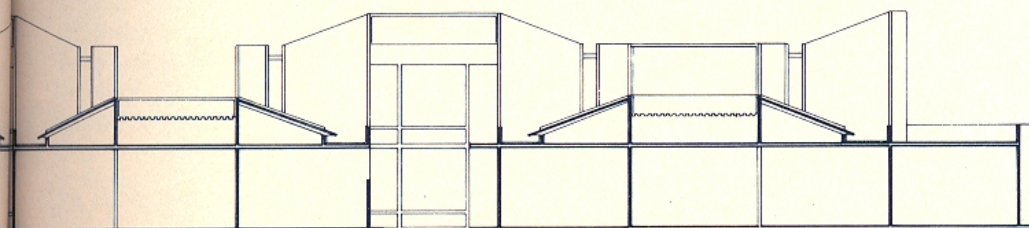
Implantação de uma quadra



Corte BB



Elevação 1



Corte CC

dia, de outro, em razão da falência do Estado enquanto órgão prestador de serviço”.

Essa nova demanda está representada pelo Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo que adquiriu uma gleba de 100 mil m² em Cotia, para 200 famílias, um projeto diferenciado do ponto de vista de acabamento e de acréscimos como abrigo de carros. Mas fundamentalmente, como faz questão de afirmar, a tecnologia, o desenho e a linguagem estética estão muito próximos da sua primeira proposta.

Com projetos para o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de São Bernardo (SP), e, mais recentemente, para a Cooperativa dos Metalúrgicos da Cosipa, na Baixada Santista, previsto para atender cerca de 16 mil operários, Joan Villá responde, em parte, ao editorial da AU de outubro/novembro de 86, em que o protótipo da Unicamp despontava como uma das esperanças de romper o sistema falido dos programas habitacionais institucionalizados. “Já temos uma casa. Falta a cidade”, concluía o editorial. Já temos uma casa, um bairro... a cidade se vislumbra.

HAIFA Y. SABBAG



Ficha Técnica:

Projeto: Moradia dos Estudantes da Unicamp

Área do Terreno: 55.043,20m²

Área Construída: 17.242,42m²

Equipe Técnica:

Autor: Arquiteto Joan Villá

Colaborador: Arquiteto Paulo Milanez

Arquitetos: Ana Lúcia Muller; João Marcos Lopes; Mário Braga; Paulo Milanez e Roberto Pompéia

Engenheiro: Yopanan Rebello

Projetistas: Débora Akemi Doukan e Edson Takahasi

Socióloga: Marta Waldamam

Instrutores: Affonso Barres; João Cardoso; José Alves Nascimento; José Antônio Carvalho; José Maria Guerino; Milton Reis; Oswaldo Pereira e Otávio Rosa

Computação gráfica: Sérgio Mancini